

A textualização da resistência por meio da tatuagem “demônio”

Naiara Silva¹
PPGL | UCPel

Ercília Ana Cazarin²
PPGL | UCPel

Resumo: Este texto faz parte de um conjunto de trabalhos que vêm sendo construído a fim de compreendermos o funcionamento da resistência por meio de sua textualização na tatuagem. A tatuagem é aqui entendida como uma prática discursiva de individualizar o corpo, cuja corporeidade configuraria um gesto simbólico de resistência, de confrontação, de transgressão ou de subversão do sujeito tatuado, pois entendemos que por meio do corpo, o sujeito significa-se e significa. Nesse caminho, pensamos que se tatuar, enquanto prática de resistência pode refletir tensões sociais e culturais que manifestam uma atitude de distanciamento simbólico perante padrões dominantes da ordem social. Com base no que precede, nosso objetivo é compreender a formulação/textualização da tatuagem “demônio”, relacionando-a à questão da resistência e da identificação. Para tanto, filiadas na teoria da Análise de Discurso (AD) de tradição pecheuxtiana, partimos de algumas questões norteadoras: i. como os sentidos que emergem da tatuagem “demônio” fogem do estereótipo sedimentado na memória social? ii. a tatuagem, nesse caso, pode ser entendida como uma forma de materialização da resistência do sujeito, na qual encontra espaço

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Católica de Pelotas.

² Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Católica de Pelotas.

para textualizar a diferença e sentidos outros? Nesse ínterim, buscamos compreender a relação do sujeito com seu corpo através do nosso objeto de análise. Corpo que, enquanto suporte, textualiza discursos e produz sentidos. São esses sentidos que nos instigam, nas suas manifestações e/ou encobrimentos.

Palavras-chave: corpo; tatuagem; leitura; sentidos.

Title: Textualizing resistance by means of the "Demon" tattoo

Abstract: This text is part of a series of works that have been constructed to understand the functioning of resistance through its textualization in tattoos. Tattoos are here understood as a discursive practice of individualizing the body, whose corporeity would configure a symbolic gesture of resistance, confrontation, transgression or subversion of the tattooed subject, since we understand that by means of the body, the subject means himself and means in society. This way, we think that tattooing as a practice of resistance may reflect social and cultural tensions that manifest an attitude of symbolic detachment from dominant patterns of social order. Based on the above, our objective is to understand the formulation/textualization of the "Demon" tattoo, relating it to the question of resistance and identification. For doing that, we use Michel Pêcheux's Discourse Analysis (DA) theory, having as a starting point some guiding questions: i. how senses that emerge from the "Demon" tattoo escape from the Demon stereotype sedimented in social memory? ii. may tattoos, in this case, be understood as a way for materializing the subject resistance in which he finds a space to textualize the difference and other senses? We use this to seek to understand the relation of the subject to his body through our object of analysis. It is a body that, as support, textualizes discourses and produces senses. These senses is what instigate us, in their manifestations and / or cover-up.

Keywords: body; tattoo; reading; senses.

Considerações iniciais

O presente trabalho resulta de um especial interesse de reflexão sobre o funcionamento da resistência, mais precisamente por sua textualização por meio da tatuagem. A noção de resistência no âmbito da Análise de Discurso (AD) de filiação pecheuxiana não é algo novo, na medida em que Pêcheux (1988/2009³), nosso precursor teórico, já refletia acerca de tal funcionamento. Em suas formulações, o autor escreve que “i. não há dominação sem resistência: primado prático da luta de classes, que significa que é preciso ‘ousar se revoltar’. ii. ninguém pode pensar do lugar de quem quer que seja: primado prático do inconsciente, que significa que [...] é preciso ‘ousar pensar por si mesmo’” [grifos do autor] (p.281). Todavia, podemos afirmar que a discussão teórica e o modo como os analistas de discurso vêm trabalhando com esta noção ainda nos dá espaço para o presente estudo.

Conforme escreve Leandro-Ferreira (2015),

Mobilizar a resistência não seria tão somente um caso de adição de um termo a um dispositivo teórico, mas de articulação a uma rede conceitual que, além de complexa, requer interfaces compatíveis com os saberes de seu campo epistemológico. [...] Ser analista de discurso no Brasil hoje, portanto, significa o empenho em demarcar os limites e as especificidades do quadro teórico, não deixando banalizar o aparato conceptual construído, nem diluir os procedimentos de análise sob a forma de modelos úteis de aplicação imediata. Significa manter presente a ideia de ruptura e resistência, traços fundadores da teoria que estão na base de muitos dos conceitos com os quais ela opera e que a faz enfrentar as evidências da significação (p.163).

Diante do exposto, situamos este texto no conjunto de trabalhos que visam refletir e discutir sobre o funcionamento discursivo da resistência, para que se compreenda e se legitime o conceito no dispositivo teórico-metodológico da AD, tal como propõe a autora citada acima. Dessa

³ A formatação desta bibliografia está disposta na seguinte ordem: 1988 refere-se a 1.edição da obra/ 2009 refere-se à edição que estamos utilizando no estudo, 4.edição.

forma, diante do tema que apresentamos “estudo de tatuagens enquanto gestos simbólicos de resistência”, trazemos para análise a tatuagem “demônio” materializada no corpo de um sujeito⁴ por nós entrevistado.

Com base em leituras e outros trabalhos realizados (SILVA, 2014 e SILVA; CAZARIN, 2015), entendemos que o sujeito identifica-se com o seu corpo para significar, assim como ele identifica-se com a língua no processo de significação. Através da tatuagem, num processo de textualização do corpo, este sujeito materializa na pele o seu desejo, a sua interpretação e a sua interpelação. E é neste ponto que pensamos no funcionamento discursivo da resistência, com apoio no que escreve Leandro-Ferreira (2015), “ao resistir, o sujeito resiste à dominação, resiste ao enquadramento, à manipulação, nem sempre de forma consciente e nem sempre de forma exitosa, mas o faz sem cessar” (p.165). Assim, na pele que é transformada em texto, em uma junção de palavras, imagens e cores, podem ser materializadas as contradições e os enfrentamentos do sujeito, funcionamentos estes que evidenciam sua resistência e produzem sentidos inesperados à ordem imposta.

Sendo assim, enfatizando a questão da resistência, seguindo os pressupostos do legado pecheuxtiano, nos perguntamos: i. como os sentidos que emergem da tatuagem “demônio” fogem do estereótipo sedimentado na memória social? ii. a tatuagem, nesse caso, pode ser entendida como uma forma de materialização da resistência do sujeito, na qual encontra espaço para textualizar a diferença e sentidos outros?

Estas questões se fazem pertinentes na medida em que objetivamos compreender a formulação/textualização da tatuagem “demônio”, levando em conta que no gesto de se tatuar articulam-se corpo, linguagem, desejo, falta, excesso, imaginário, posições e (contra)identificações. Esta concepção nos aproxima do que escreve Abreu (2013) sobre a prática da *tattoo*, segundo a autora, precisamos, enquanto

⁴ O sujeito entrevistado foi convidado a participar desta pesquisa como voluntário, nas condições de sigilo de identidade e mediante a assinatura de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), parte do projeto de Dissertação de Mestrado (2014) que foi submetido ao sistema da Plataforma Brasil, e, posteriormente, foi aprovado para possível continuidade, sob o número de aceite CAAE: 37308814.7.0000.5339.

analistas, “suportar a incompletude e pôr corpo/linguagem em movimento” (p.146). Assim, concentrar esforços para compreender o funcionamento dessa linguagem gravada na pele não é uma tarefa operatória de cálculos, mas de reflexão e descrição, pois na perspectiva da AD, os sentidos não são concebidos como estáticos tampouco neutros e transparentes, mas sim, constituídos por processos em que interferem o inconsciente e a ideologia.

Visto isso, apresentaremos, a seguir, a imagem da tatuagem “demônio” do sujeito entrevistado e discorreremos sobre as principais noções mobilizadas. No batimento entre descrição e interpretação, no segundo momento, traremos algumas considerações do sujeito sobre a sua *tattoo* a leitura que fazemos dessa significação. Por fim, na obrigatoriedade de um fechamento, como se fosse possível colocar um ponto na inquietação que nos incentiva, tentaremos mostrar como a resistência se faz presente na textualização da tatuagem em questão.

Tatuagem: uma possibilidade de textualização da resistência

“Tatuei faz o quê? (pausa) Comecei com esse lance de demônio faz uns... há uns nove anos atrás, eu acho, nove, dez, que eu comecei a mexer nessa perna, pegando essa ideia assim” (SUJEITO, 2014).

Na continuidade de nossa reflexão, acreditamos pertinente trazer uma das primeiras considerações do sujeito entrevistado sobre a sua *tattoo* “demônio” para compreendermos a relação deste sujeito com seu corpo e, também, para situarmos como entendemos este conceito na perspectiva a qual nos filiamos.

Como podemos observar, retomando as palavras do sujeito, a relação dele com seu corpo não se dá de forma objetiva, pois consideramos que tanto os sujeitos quanto os sentidos, se constituem concomitantemente. Dessa maneira, ao pensarmos nas tatuagens, compreendemos que elas fazem do corpo um registro escrito, oportunizando ao outro a ler o que o sujeito textualizou. Sobre a escrita,

recorremos ao estudo de Orlandi (2004), em que ela escreve que “a letra é o traço mais marcante que nos aparece, representando nossa entrada no simbólico. Traço que marca o sujeito enquanto sujeito, em sua possibilidade de autoria, frente à escrita” (p.119).



Figura 1: Fotografia da tatuagem do sujeito entrevistado. Agosto de 2014

Nesse entendimento, a *tattoo* pode ser vista como uma manifestação da escrita que individualiza o sujeito, embora os traços sejam todos realizados com tinta e agulha, cada sujeito pode atribuir um sentido diferente à tatuagem, de forma subjetiva⁵, tal como o sujeito do nosso trabalho. Para justificarmos esta proposição, trazemos o que postula Orlandi (2012b). A autora retrata que

⁵ O foco do nosso trabalho não é a questão da subjetividade, tal como se trabalha nas teorias enunciativas. O nosso interesse centra-se em compreender como o sujeito que se tatua, a partir do imaginário do lugar social em que se inscreve, formula sentidos às suas tatuagens. Para explicarmos melhor como entendemos a subjetividade, trazemos Haroche (1992). Em suas formulações, a subjetividade trata-se de “uma vontade sem limites e uma submissão sem falhas” (HAROCHE, 1992, p.51). Nesse viés, o sujeito teria toda a liberdade para melhor assujeitar-se, ele pensa assumir posições pessoais, quando, de fato, assume posições afetadas ideologicamente.

Ao dizer, o sujeito significa em condições determinadas, impelido, de um lado, pela língua e, de outro, pelo mundo, pela sua experiência, por fatos que reclamam sentidos, e também por sua memória discursiva, por um saber/poder/dever dizer, em que os fatos fazem sentido por se inscreverem em formações discursivas que representam no discurso as injunções ideológicas. Sujeito à falha, ao jogo, ao acaso, e também à regra, ao saber, à necessidade. Assim o homem (se)significa (ORLANDI, 2012b, p.53).

Nessa perspectiva, sustentamos que a relação do sujeito com seu corpo não escapa às determinações ideológicas. Ao contrário, se considerássemos o sujeito distante da historicidade que o constitui, reduziríamos o estudo à noção de sujeito empírico, o que não é o caso da AD que leva em conta a exterioridade e o inconsciente quando trabalha com o sujeito. Assim, buscamos compreender o sentido atribuído à tatuagem pelo sujeito entrevistado, pois a partir do linguístico, da materialidade significante, precisamos considerar a dimensão histórica e a psicanalítica.

Em outras palavras, não tratamos do corpo como biológico, uma dádiva da natureza, mas como o resultado de uma construção, sendo ele interpelado. Orlandi (2012c), quando trabalha sobre essa questão, ressalta que “enquanto corpo empírico, ele é apenas carne. Todavia, quando o corpo é produzido em um processo de significação, em que trabalha a ideologia, ele é corpo simbólico, chamado de *corpodiscurso*” (p.85). Seguindo essa orientação, é dessa maneira que trabalhamos com o corpo, o *corpodiscurso* do sujeito tatuado, sua materialidade significativa e os efeitos de sentido produzidos enquanto corpo de um sujeito afetado e interpelado por uma ideologia que se pauta por um corpo belo, moldado, cultuado e individualizado.

A tatuagem, nesse viés, pode ser considerada uma forma de individualização do corpo. A respeito, selecionamos três autores que trabalham nessa ótica para nos ajudarem à reflexão, são eles Leandro-Ferreira (2013), Ferreira (2007) e Orlandi (2012a). A primeira, de maneira geral, define o corpo como lugar de inscrição do sujeito e a tatuagem nesse caminho, seria um projeto desse sujeito para ocupar um lugar histórico e

cultural. O segundo, salienta que a *tattoo* configuraria uma forma de demarcação estilística através da qual algumas pessoas constroem e dão a (re)conhecer não só sua identidade pessoal, mas também o modo como percebem e se relacionam com o mundo. E por último, mas igualmente importante, Orlandi (2012a), ao tratar da *tattoo* na sociedade contemporânea, percebe que é outro imaginário que rege o funcionamento do gesto de se tatuar e este, produz sentidos diferentes interferindo tanto na identidade quanto nos processos de individualização do sujeito. Com efeito, sob nosso ponto de vista, concordamos com os três autores quando escrevem sobre a tatuagem e o modo de identificação/individualização do sujeito, e acreditamos necessário especificarmos tais ideias.

Leandro-Ferreira (2013), ao pensar na “arquitetura do corpo”, na “sua forma de organização, de constituição e funcionamento” (p.99), enquanto objeto teórico, salienta que é necessário pensar também no espaço e no tempo em que esse corpo ganha corporeidade, ou seja, se manifesta, se movimenta, se corporifica. Tratando-se do corpo que materializa a tatuagem “diabo”, atentamos ao fato de que ele está inserido no contexto sócio-histórico da contemporaneidade, em que existe uma busca desenfreada por um “corpo liberto de amarras”, produzindo outra forma de assujeitamento do sujeito. Como bem lembra a autora citada, “o sujeito que se julga livre para fazer do seu corpo o que lhe prouver e o que a tecnologia lhe oferecer acaba sendo vítima dessa mesma ilusão, transformada em ferramenta de controle que busca enquadrá-lo em um mundo logicamente estabilizado” (LEANDRO-FERREIRA, 2013, p.103).

Ao consideramos o espaço e o tempo em que o corpo do sujeito entrevistado ganha corporeidade e também em que sua *tattoo* ganha visibilidade, observamos nas suas próprias palavras que os sentidos atribuídos ao “demônio” podem ser diferentes, na medida em que o lugar social comum aos sujeitos, tatuados ou não, é atravessado pela reprodução/repetição e pela ruptura de sentidos estabilizados, o que evidencia a multiplicidade de efeitos de significações que circulam no mesmo espaço. De acordo com o referido sujeito (2014), “o pessoal não gosta, principalmente velha. Velha é fogo! Olha é já ‘grrrrrrr’

(onomatopeia de resmungos), sabe, ‘é está entregue, tu não tem lugar no céu’. E, acho, cara, não existe isso de ter lugar no céu, sabe...”. Como podemos observar, os gestos de interpretação sobre o “demônio”, realizados pelo sujeito entrevistado e pelo sujeito “velha”, tal como o próprio denomina, são gestos simbólicos investidos de posições historicamente constituídas. De um lado, pela leitura que fazemos, temos um sentido construído pelo sujeito, numa forma de subversão aos padrões sociais acerca do desenho – nesse funcionamento, o sujeito interfere no processo categórico de atribuição de sentidos, que os aprisionam, conseguindo se subjetivar, se metaforizar, se individualizar... num gesto de resistência ao tradicional; de outro lado, temos um sentido negativo atribuído ao “demônio” pelo sujeito “velha” que é da ordem do estabilizado. Nesse contexto, podemos observar que ambos sujeitos estão imaginariamente inscritos em lugares distintos, ou seja, em formações discursivas diferentes, produzindo sentidos que são adequados a sua posição.

Sobre esse assunto, Osório (2006), na sua tese, escreve sobre as tatuagens e os estigmas que a sociedade impõe àqueles sujeitos que as possuem materializadas no seu corpo. A autora sugere que “não se trata mais de uma marginalização em termos de criminalidade, mas sim em termos de exclusão social. [...] são grupos excluídos, marginalizados e cujas redes de sociabilidade muitas vezes se fecham em si mesmos” (OSÓRIO, 2006, p.35-36). A nosso ver, acreditamos que este funcionamento de exclusão, mesmo em um grau menor, ainda se faz presente em função de discursos preconceituosos que estão enraizados na sociedade.

Na opinião de Fonseca (2012), por exemplo, o discurso de tolerância ao “diferente”, somente evoca um problema maior na sociedade, pois reforça e legitima o preconceito existente. Na sua explicação,

[...] a tolerância de tudo e de todos também significa tolerar uma(s) classe(s) dominante(s), com discursos e sentidos dominantes. Nesse jogo de tolerâncias há sensações de pertencimento que atuam de forma ilusoriamente líquida. [...] O sujeito interpelado por esse nexos social líquido se diz livre para fazer o que bem entender,

porque nada deve a ninguém e porque é cidadão do mundo. Nesse sentido, é-se tolerante a homossexuais, travestis, muçulmanos, negros, brancos, índios, judeus etc.; mas não se admite partilhar de seus sentidos: o espaço é heterogêneo, capitalista, plural, mas aos sujeitos não cabe muita escolha a não ser escolher seu rótulo (FONSECA, 2012, p.8-9).

De todo modo, entendemos que há um corpo que “comparece como dispositivo de visualização, como modo de ver o sujeito, suas condições de produção, sua historicidade e a cultura que o constitui. Trata-se do corpo que olha e que se expõe ao olhar do outro” (LEANDRO-FERREIRA, 2013, p.105). Nessa direção, podemos acrescentar que o corpo tem uma dupla capacidade de se revelar, como lugar de conformação ou confrontação social, de controle ou resistência, de autoridade ou subversão, de contenção ou de excesso, de disciplina ou transgressão, de reprodução ou inovação, como bem afirma Ferreira (2007). Pensamos, então, nos efeitos de sentidos produzidos pela tatuagem “demônio”, cuja corporeidade configuraria um gesto simbólico de resistência, subversão, transgressão e inovação ao sentido estabelecido, retomando as denominações do autor citado.

Ressaltando o que desenvolve Ferreira (2007), o gesto de se tatuar implicaria uma performance estética, consubstanciando um sentido de desfiliação perante a ordem cultural e social estabelecida, ou em outras palavras, provocando sentidos de irreverência e transgressão perante determinadas esferas de controle social. Nas considerações do autor,

A estética cultivada pelos usuários de corpos extensivamente marcados, orientada por valores de originalidade e pelo culto do neobarroquismo e do bizarro, confronta e interpela a estética “naturalista” hegemonicamente produzida e reproduzida pelos mecanismos dominantes de poder e regulação corporal (FERREIRA, 2007, p.298).

Este funcionamento pode ser observado nas palavras do sujeito entrevistado quando falava de sua *tattoo*, “a primeira coisa que me perguntam é se sou satanista, ou um negócio assim, e não, nada a ver. Eu não sou satanista, eu só gosto e me identifico, eu acho o bizarro bonito. Eu

vejo beleza no negócio que todo mundo acha feio, que é feio na verdade, mas é feio, mas é bonito. Né?” (SUJEITO, 2014).

Nessa ótica, completando o entendimento de Ferreira (2007), marcar o corpo configuraria uma tomada de posse sobre a construção da identidade e biografia pessoal do sujeito, numa forma de protagonismo social, através de linguagens e códigos próprios. A tatuagem se constitui como um desses códigos que os sujeitos utilizam para se expressarem enquanto tal, para produzirem e manifestarem suas opiniões e suas utopias sobre o mundo.

Estabelecendo uma interlocução com o trabalho de Orlandi (2012a), é através do corpo, então, que cada sujeito pode “desempenhar seu desejo de reconhecimento como reconhecimento de seu desejo e de seu ser” (p.193). Os dizeres, no seu entendimento, quando da análise de *outdoors*, transbordam como um excesso de linguagem visual urbana, para o próprio corpo do sujeito, resultando num excesso de marcas visíveis e necessárias para a afirmação de si. Como a autora afirma, “sujeito e sentido se constituem ao mesmo tempo, estando os processos de identificação na base do fato de que a identidade é um movimento na história” (ORLANDI, 2012c, p.88). Assim, a tatuagem pode ser entendida como uma forma particular do sujeito produzir sentido e se significar e, compreender esse modo de significação é, ao mesmo tempo, compreender seu funcionamento discursivo, da maneira como estamos propondo fazer.

Tatuagem: cor, textura e forma –construindo sentidos

Antes de apresentarmos nossa leitura, acreditamos ser pertinente a explicitação, ainda que sucinta, da metodologia que utilizamos na entrevista do sujeito. De início, apresentamos um roteiro sobre alguns pontos que entendíamos relevantes de serem abordados como ponto de partida. O modelo do roteiro foi o seguinte: “Fala-me, de maneira bem simples, sobre a tatuagem que tens, o lugar do corpo que ela está localizada, como o desenho foi escolhido e a motivação que tiveste no

gesto de se tatuar; quando tatuou-se e por quê? Fala-me também, o significado da *tattoo* para ti e o significado dela na sociedade, se já ouviste as pessoas atribuírem sentidos para ela”. De posse da entrevista, fizemos sua transcrição e a consequente interpretação. Abaixo, trazemos algumas sequências discursivas⁶ que destacamos:

- a) “Bom, o lugar do corpo que eu escolhi foi a coxa, a princípio. Esse lado meu direito para mim é o meu lado... (pausa) que eu acho que seja o mais forte” (SUJEITO, 2014).

As primeiras considerações do sujeito entrevistado sobre o lugar do corpo que materializou a sua *tattoo* refletem um discurso que circula na sociedade em que se considera o lado direito como o lado do bem e o lado esquerdo, como o lado do mal. Le Breton (2007) em um de seus trabalhos, relata sobre a representação e os valores associados às partes do corpo. Para tanto, o autor recorre a Robert Hertz para lhe ajudar na questão, segundo Hertz (1928), “a mão direita, escreve, são levadas as honras, as designações lisonjeiras, as prerrogativas. Ela age, ordena, pega. Ao contrário, a mão esquerda é desprezada e reduzida ao papel de simples auxiliar: nada pega por si só, dá assistência, auxilia, aguenta” (idem, *apud* LEBRETON, 2007, p.69). Nessa linha, a mão direita, e também, todo o lado direito do corpo é privilegiado em detrimento ao esquerdo, e este saber faz derivar sentidos relativos ao sagrado e ao profano, à luz e às trevas, ao dia e à noite, ao bem e ao mal. Em resumo, de acordo com Le Breton (2007), “à direita estão associados a força, o benéfico, o nobre; à esquerda estão associados a fraqueza, a falsidade, a imperícia” (p.69).

As definições dos autores citados nos fazem lembrar o discurso católico, mais precisamente, a oração do Credo em que se acentua o lado direito. Vejamos: “Creio em Deus, Pai-todo-poderoso, criador do Céu e da terra. E em Jesus Cristo seu único Filho, Nosso Senhor, que foi concebido pelo poder do Espírito Santo; [...] subiu aos céus, está sentado à direita de Deus Pai todo-poderoso, donde há de vir a julgar os vivos e os mortos

⁶ A noção de sequência discursiva de referência (sdr) foi desenvolvida por Courtine (1981/2009) em sua tese. Segundo o autor, a sdr, metodologicamente, é representativa de uma série de outras sequências que possuem similaridade no funcionamento discursivo em análise.

[...]”⁷. Refletindo acerca desse discurso, acreditamos que ele reforça os sentidos positivos atribuídos ao lado direito. Lado, inclusive, que o sujeito entrevistado denomina o lado mais forte de seu corpo, nas suas palavras, “o lado meu direito para mim é o meu lado... (pausa) que eu acho que seja o mais forte. Então, por isso eles tão aqui né!” (SUJEITO, 2014) e mais, em outra formulação, “E o lado direito por ser o meu lado mais forte eu acredito que todo mundo, ninguém é totalmente bonzinho e ninguém é totalmente ruim. Então, todo mundo tem um pouquinho dos dois. É mais ou menos essa ideia assim”(SUJEITO, 2014).

- b) “O significado para mim é... (pausa) cara... (pausa) é força, acima de tudo, porque em várias situações na minha vida, eu usei as minhas tatuagens para pelear contra elas [pronomes anafóricos que retomam o termo situações] porque se eu carrego uma tatuagem dessas, forte, né, que é uma imagem impactante, é uma imagem forte para caramba, se eu carrego isso eu não posso tomar por qualquer coisa né, então é mais ou menos essa ideia assim que eu tenho” [explicação nossa] (SUJEITO, 2014).

Na continuidade de nossa leitura, entendemos que para o sujeito entrevistado o sentido da tatuagem “demônio” está ligado a sentidos auspiciosos, positivos, como se o gesto de se tatuar promovesse força. O que nos leva a observar uma forma de subversão aos sentidos cristalizados ao desenho, ao imaginário construído, sejam eles negativos, determinados pela sociedade que impõe, segundo o sujeito entrevistado, equivocadamente, o que é certo e/ou errado, o que é bom e/ou mau. Na concepção do sujeito (2014), “Eu vejo beleza no negócio que todo mundo acha feio, que é feio na verdade, mas é feio, mas é bonito. Né? [...] não é só simplesmente ah, um demônio só”.

Este funcionamento de subversão coloca em ênfase, a nosso ver, a recusa do sujeito de se submeter aos sentidos pré-estabelecidos quanto ao “demônio”. Assim, não nos prendendo aos sentidos fixos, procuramos entender o modo como a *tattoo* em questão produz sentidos e como a

⁷ A oração na íntegra está no site. Disponível em: <<http://www.acidigital.com/rosario/oracoes.htm>>. Acesso em 26 fev. 2016.

ideologia é determinante no processo de produção desse imaginário que pende ao taxativo, ao estereótipo. Pois como bem sabemos, a ideologia não é “x”, mas o mecanismo de produzir “x”, dessa forma, cabe pensar no funcionamento dialético da linguagem. De onde emerge esse discurso monoteísta do “ou ou” e, a quem esse discurso favorece?

O sujeito entrevistado, por sua vez, estabelece um modo de significar que joga com o consenso social da significação, com os conhecidos estereótipos, fazendo emergir outros sentidos, desdobrandos. De acordo com Orlandi (2007), quando nos deparamos com estereótipos pensamos “como ponto de fuga possível de sentidos, [...] como lugar em que trabalham intensamente as relações da linguagem com a história, do sujeito com o repetível, da subjetividade com o convencional” (p.125). Nesse ínterim, compreendemos que, nessa relação imaginária, o estereótipo é o lugar em que o sujeito entrevistado resiste, em que ele encontra espaço para materializar a diferença, e outras possibilidades. Como nos lembra a autora recém-citada, esta é uma forma do sujeito proteger sua identidade no senso comum, visto que é o estereótipo que cria condições para que ele não apareça entre os demais.

- c) “A primeira coisa que me perguntam é se sou satanista, ou um negócio assim, e não, nada a ver. [...] E, acho, cara, não existe isso de ter lugar no céu, sabe, ou tu faz um negócio ruim aqui tu vai pagar, se tu não pagar aqui, vai pagar daqui a pouco mais, mas tu vai pagar pelo que tu fez, então não existe tu vai para o céu ou para o inferno” (SUJEITO, 2014).

Outro ponto que acreditamos pertinente reparar diz respeito ao discurso cristão que emerge das palavras do sujeito entrevistado, na medida em que ele questiona, ou melhor, posiciona-se contra os saberes da instituição. Retomando Ferreira (2007), podemos pensar que o gesto de tatuar o “demônio” seria um ato de reivindicação desse sujeito pelo direito de intervir expressivamente de forma contrária às convenções éticas e religiosas de uma sociedade de controle, por meio do corpo, que dá o suporte necessário para que ele possa se significar. Para o autor, tatuar-se, enquanto prática de resistência reflete tensões sociais e culturais que

manifestam uma atitude de distanciamento simbólico perante padrões dominantes da ordem social.

Nessa direção, pela leitura sintomal⁸ que tentamos fazer sobre o sentido atribuído pelo sujeito e pela reflexão dos trabalhos dos autores que trazemos, compreendemos que o gesto de tatuar o “demônio” significa, dentre outras possibilidades, uma forma de tomada de posição em relação à ordem estabelecida socialmente. No funcionamento da resistência do sujeito, por meio da materialização do desenho em sua pele, irrompem relações de força, pois sua corporeidade torna-se um espaço de confronto em consonância ao que o próprio sujeito acredita, iludido em ser fonte de seu dizer. É a partir dessa textualização de sentidos outros que observamos a presença do político na materialidade da tatuagem, que ganha espaço no corpo do sujeito.

Em texto distinto, Cazarin (2005) escreve que o político pode ser concebido “como representação das forças políticas em jogo no discurso, no qual interferem a história e a ideologia como constitutivas” (p.76). Tal concepção importa, a nosso ver, na presente análise, porque põe à luz a dimensão mesma do político, enquanto relações de forças entre sujeito tatuado e possíveis leitores da *tattoo*, nas manifestações e/ou encobrimentos de sentidos.

Considerações finais

Nossa finalidade com o presente estudo era mostrar que a tatuagem pode ultrapassar os limites puramente estéticos e pode funcionar, dentro outras formas, como prática discursiva de resistência do sujeito, na qual encontra um espaço para textualizar o diferente, a diversidade, ou ainda, a adversidade – o sujeito ousou se revoltar e ousou

⁸ Leitura sintomal foi um termo utilizado por Althusser para caracterizar o trabalho de escuta discursiva, que vai além de uma leitura literal do texto. Fonte: Disponível em: MARIANI, Bethania. Textos e conceitos fundadores de Michel Pêcheux: uma Retomada em Althusser e Lacan. *Alfa*, São Paulo, 54 (1), 2010.

pensar por si mesmo, retomando os primados de Pêcheux (1988/2009), expressando-se por meio da tatuagem.

É na possibilidade de diferentes sentidos que podem ser produzidos, a nosso entender, que nós, enquanto analistas de discurso, precisamos estar atentas, porque um dos alicerces da teoria é a questão da constituição do sentido. Conforme escreve Pêcheux (2012), “o princípio dessas leituras [em AD] consiste, como se sabe, em multiplicar as relações entre o que é dito aqui (em tal lugar) e, dito assim e não de outro jeito, com o que é dito em outro lugar e de outro modo” (p.44), devemos, assim, nos lançar à compreensão do que foi dito, do que não foi dito, e ainda, do que poderia ter sido dito ou que foi dito de outra maneira.

Em especial, no trabalho em questão, buscamos compreender quais sentidos podem emergir do desenho que o sujeito entrevistado tatuou em seu corpo, lembrando que o processo de se tatuarmex na rede de filiações de sentidos, cruzando o eixo vertical, da materialidade histórica, com o eixo horizontal, da materialidade linguística, no caso em pauta, da materialidade imagética. E o cruzamento desses dois eixos, vertical e horizontal, faz atualizar os sentidos seja na ordem do repetível, seja na ordem do inesperado. Nesse caso, sentidos e sujeitos se movimentam, corporificando-se no espaço, significando-se e (re)significando-se, trazendo no fio do discurso ou, no traço do desenho materializado em sua pele, sentidos já sabidos, na ordem do já-dito, ou sentidos imprevisíveis, na ordem do a dizer.

Por fim, reiteramos que este trabalho é marcado pela incompletude constitutiva de todo gesto de interpretação, o que não nos livra da responsabilidade sobre ele. Dar como finalizado o texto, significa saber, conforme escreve Cazarin (2005), que “o ‘pronto’ é sempre provisório e se constitui na ilusão necessária de um ‘fechamento’ – o ‘fim’ é inevitavelmente a possibilidade do recomeço” [grifos da autora] (p.371). Nesse sentido, diante da obrigatoriedade de um fechamento, de uma pontuação que represente seu final, inserimos reticências...

Referências

- CAZARIN, E. *Identificação e representação política: uma análise do discurso de Lula*. Ijuí: Editora Unijuí, 2005.
- FONSECA, R. *O marxismo de Pêcheux*. Comunicação apresentada no VII Colóquio Internacional Marx e Engels. 2012.
- HAROCHE, C. *Fazer dizer, querer dizer*. EniOrlandi et al. (Trad.). São Paulo: Hucitec, 1992.
- LEANDRO-FERREIRA, M. PETRI, V.; DIAS, C. (Orgs.). *O corpo enquanto objeto discursivo*. In: *Análise do Discurso em perspectiva: teoria, método e análise*. Santa Maria: Editora da UFSM, 2013. p.99-107.
- _____. SOARES, A. et al (Orgs.). *Resistir, resistir, resistir... primado prático discursivo!* In: *Discurso, resistência e...*Cascavel, PR: EDUNIOESTE, 2015.
- LE BRETON, D. *A sociologia do corpo*. Sônia Fuhrmann (Trad.). 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- ORLANDI, E. *Textualização do Corpo: A escritura de si*. In: *Cidade dos Sentidos*. Campinas, SP: Pontes, 2004. p.119-128.
- _____. *Silêncios e Resistência: um estudo da censura*. In: *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 6.ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007. p.93-133.
- _____. *À flor da pele: indivíduo e sociedade*. In: *Discurso em análise: Sujeito, Sentido e Ideologia*. 2.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012a. p.187-197.
- _____. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 10.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012b.
- _____. *Processos de significação, corpo e sujeito*. In: *Discurso em Análise: Sujeito, Sentido e Ideologia*. 2.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012c. p.83-96.
- OSÓRIO, A. *O gênero da tatuagem continuidades e novos usos relativos à prática na cidade do Rio de Janeiro*. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Rio de Janeiro, 2006.
- PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento?* Eni Orlandi (Trad.). 6.ed. Campinas, SP: Pontes, 2012.
- _____. *Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação*. In: *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. EniOrlandi et al (Trad.). 4.ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1988/2009. p.269-282.
- SILVA, N. *Tatuagens: sujeitos e sentidos*. 2014. 153f. Dissertação (Mestrado em Letras: Linguística Aplicada) – Universidade Católica de Pelotas (UCPEL). Pelotas, dez. 2014.
- _____; CAZARIN, Ercília. *Demônio da Tasmânia: diferentes leituras dessa tatuagem*. In: FLORES, G.; NECKEL, N., GALLO, S. (Orgs). *Análise de Discurso em rede: cultura e mídia*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.p. 73-91.

SUJEITO. *Entrevista sobre a tatuagem de demônio*. [ago., 2014]. Entrevistador: Naiara Souza da Silva. Pelotas, 2014. 1 arquivo mp3 (04:46). 1 fotografia da tatuagem.